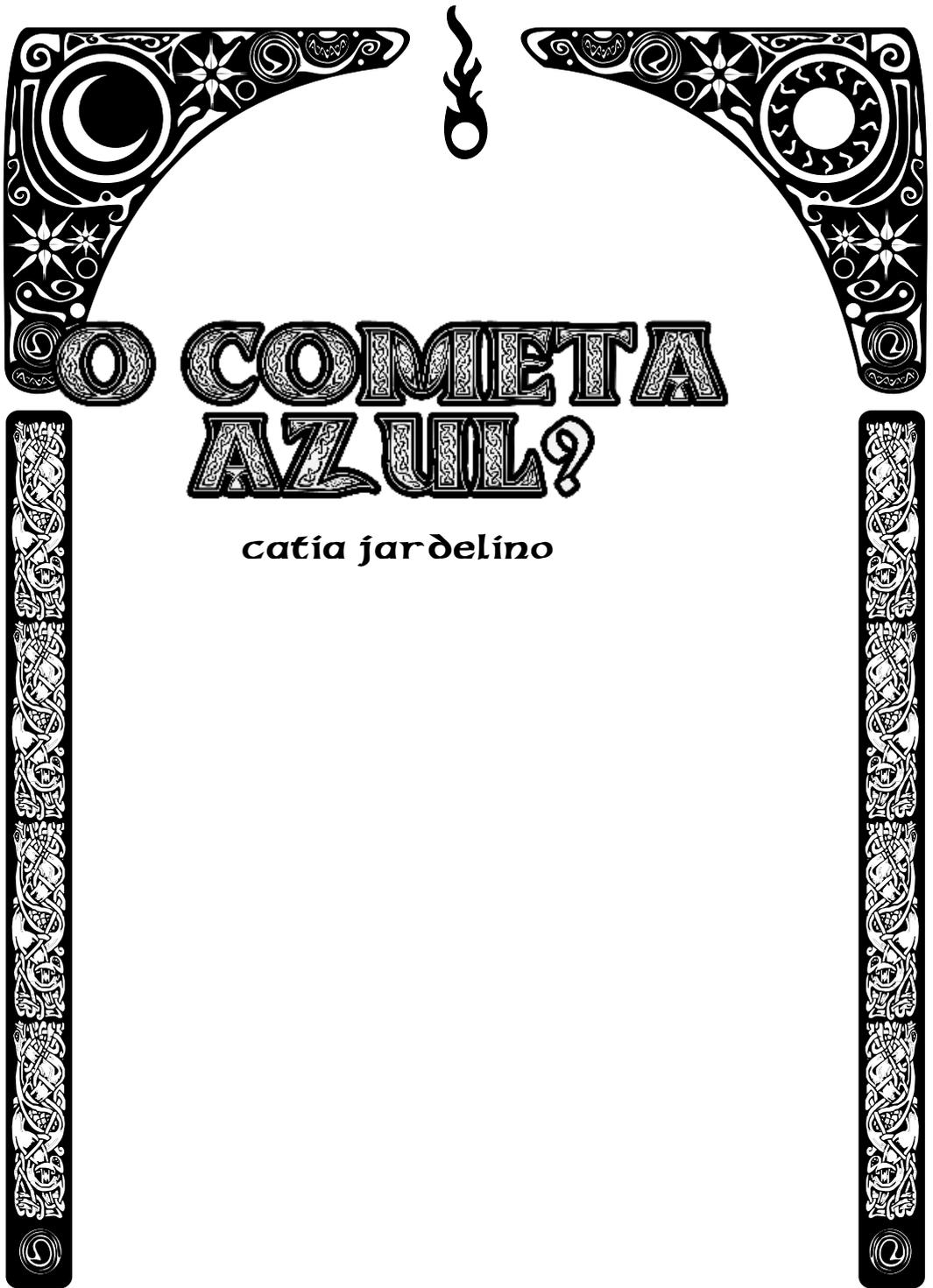


O COMETA
AZUL?



O COMETA
AZUL?

catia jardelino

Copyright © 2010 Cátia Jardelino

Reservados todos os direitos desta edição.
Proibida a reprodução, mesmo parcial,
sem a expressa autorização do autor.

Revisão:

Antônio Xavier da Silva

Capa:

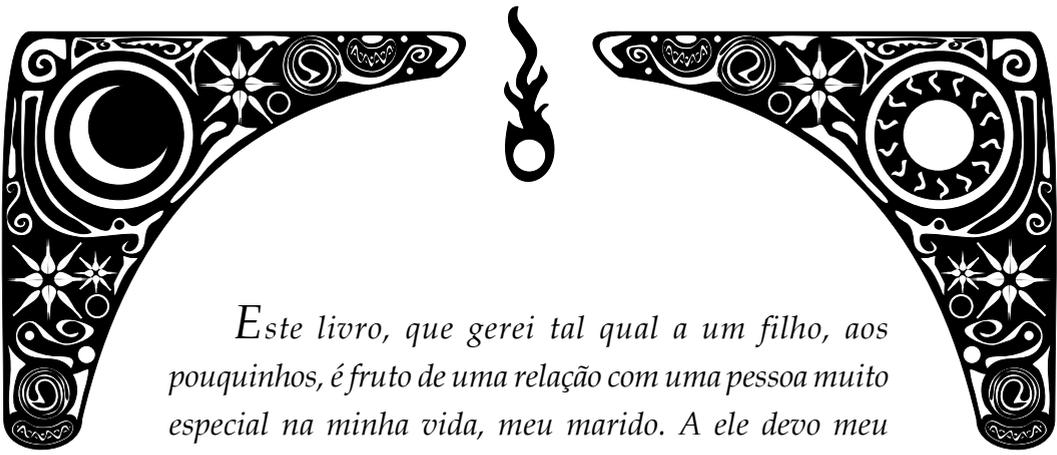
Paulo Márcio Esper Ferreira

Diagramação:

Paulo Márcio Esper Ferreira

ESTE LIVRO FOI IMPRESSO
EM PROCESSO DIGITAL

1ª Edição
27 de maio de 2001



Este livro, que gerei tal qual a um filho, aos pouquinhos, é fruto de uma relação com uma pessoa muito especial na minha vida, meu marido. A ele devo meu crescimento emocional, minha segurança psicológica e tudo o que pude construir a partir da nossa relação.

Ele me ensinou a ser livre, a tomar o leme de minha vida e governá-la de maneira mais consciente, sem ter a pretensão de acertar sempre, mas buscando, da melhor forma possível, fazer a coisa certa, revendo cada etapa da minha vida de maneira crítica, percebendo erros e acertos e arrojando-me a uma nova etapa.

O meu grande desafio foi o de não ter medo de errar, de desenvolver a capacidade de me avaliar, assumir cada erro e passá-lo a limpo, para que mais tarde, como experiência, possa utilizá-los na construção do meu mundo.

E a você, leitor, lanço também um desafio... Leia esta história com os olhos do coração, com os sentidos da alma. Só assim poderá perceber que o Sol, a Terra e tudo o que existe no Universo, e isso, é claro, inclui Vale do Cometa (Azul?), tem vida, tem sentimento, tem alma. Afinal, como já disse o poeta, há mais coisas entre o Céu e a Terra do que supõe a nossa vã filosofia...





Um dia, em um mundo muito distante, um jovem guerreiro chamado Elomim, no alto de uma montanha, cantava o seu canto triste. Todo o vale ouvia o seu canto e, com ele, todos os seres vivos choravam embalados por aquele lamento tão triste e saudoso.

E lá embaixo, no vale, olhando para o alto, outro jovem guerreiro, assim como Elomim, perguntava a um ancião, que lá também habitava, por que aquele jovem se isolara ali e sofria?

O ancião respondeu:

- É por causa do Cometa Rosa que ele chora...
- Cometa Rosa? – perguntou o jovem.
- Sim, Cometa Rosa... O cometa que fez surgir este vale.
- Mas não era azul o cometa que fez este vale?

O ancião lentamente virou os olhos em direção ao rapaz e respondeu com uma pergunta:

- Queres mesmo saber desta história tão triste, iniciante da vida?
- Quero sim – respondeu com convicção o jovem.

E assim começa, aqui, a nossa história do Cometa Azul, narrada pelo nosso ancião.







Há algum tempo, quando tudo isso ainda era uma montanha, havia por aqui um valente rapaz que corria por estes montes com tamanha velocidade, que podia até mesmo acompanhar o vento.

Ele era a coisa mais viva que eu já vi em toda a minha longa existência neste planeta. Todos o amavam. Ele reverenciava tudo o que existe com gestos e cerimônias tão lindas que jamais esquecerei. Antes do Sol nascer, Elomim ia até o alto da montanha, ajoelhava-se e ali ficava em total silêncio e concentração, que até se podia ouvir seu toc toc bater. (Era assim que chamava seu coração.)

Ficava ali até despontarem os primeiros raios solares. Então, agradecia ao Sol por ter nascido e, se bem me lembro ainda, estas eram as suas palavras:

— Oh, majestoso Astro-Rei que vem nos saudar com tamanha beleza e luz, sê bem-vindo a este mundo e também ao meu pequeno, mas sincero toc toc, que é teu desde o dia em que nasci, e, sempre que te vê, bate mais forte aqui dentro do meu peito.

Dito isso, levantava-se, erguendo seu corpo sadio e forte e aspirava o ar tão profundamente que quem olhasse poderia pensar que ele queria transferir todo o oxigênio do mundo para os seus pulmões.

— Obrigado, Meu Rei, pelo privilégio de ver-te mais um dia.

E curvando seu corpo em reverência e respeito, descia a montanha, com a velocidade da própria luz.







Elomim era valente e sensível, porém, como todo jovem também cometia seus erros. Aqueles que machucam e fazem a gente crescer, pois não há crescimento sem sofrimento, uma coisa está agregada a outra. Num destes dias, continuou o ancião, Elomim me procurou e disse:

— Doce criatura intrigante, tento decifrar-te e não consigo, por mais que tente. És a única criatura que conheço que não posso entender... Por que o teu silêncio? Quase nunca te ouço falar...

Falava freneticamente, olhando-me com olhos intrigados, andando em volta da pedra em que eu estava sentado. E me cobria de perguntas:

— Por que não falas? Tens dificuldade em falar? Não tens amigos? És muito velho para te relacionares com os outros seres? Ou tens medo de que eles não gostem de ti? Fazes milagre? Ou sabes demais e preferes ficar em silêncio? Estou te importunando?

E eu ali, calado, ouvindo e pensando.

— Não gostas de mim? Estás vivo? Qualquer pessoa, em teu lugar, já teria me mandado calar a boca, me expulsado daqui ou gritado comigo. Por que não fazes nada?

Cansado de falar e andar em círculos parou à minha frente, sentou-se, colou seu nariz quase no meu e ficou ali me olhando, em silêncio. Aí eu falei:

— Vou responder tuas perguntas, mas uma de cada vez, se me permitires.

E lá se foi ele tudo de novo, desta vez não interrogativo, mas sim afirmativo... e como!

— Nossa, tu falas! Estás vivo! Pensei que estavas me ignorando





para que eu fosse embora; bela tática! Eu mesmo ainda não tinha pensado nisso, quer dizer, penso agora. Eu permitir algo a ti? Deves estar brincando... Não permito nem deixo de permitir nada...

E assim falou, incessantemente, por mais um bom tempo. Enfim, cansou-se novamente, sentou-se à minha frente e ficou em silêncio. E quando comecei a falar, preferi ir direto às respostas.

– Como vês, eu falo, mas só quando necessário. Não tenho medo de não ser amado. Procuo amar sem a expectativa da volta. Amigos, tenho todos os que querem ser meus amigos e também os que não querem...

– Como?

– Tentando conquistá-los, com afeto e confiança.

– E se mesmo assim eles não o quiserem?

– Eu os amo assim mesmo.

– Por quê?

– Primeiro, porque é bom amar.

– Mesmo que traga dor?

– Mesmo assim. Segundo, porque amo tudo o que é vivo.

– Por quê?

– Porque amo.

– E existe esta resposta?

– Claro, Elomim... Há coisas que são porque são.

– Ah, sim... – respondeu ele com a testa enrugada e os olhos como sempre interrogativos.

– Tu jamais me importunarias. E quando perguntastes porque eu não te mandava calar a boca, quando dissestes que eu não fazia nada, eu fazia sim, fazia o mais importante, Elomim... eu te ouvia... No instante que eu disse isto, o bravo guerreiro levantou-se bruscamente e disse, meio que assustado e confuso:

– Velho, fica calado, tua falação é mais intrigante que teu silêncio. Preferiria não ter te abordado... antes eu tinha dúvidas, agora tenho uma coisa confusa aqui dentro do meu toc toc.



– Quando os sentimentos confusos estão em nossas cabeças são dúvidas; quando passam para o coração, se transformam em angústia.

Na verdade, até aquele momento, Elomim não sabia como lidar com ele mesmo.

– E ainda vou responder tua última pergunta...

– Qual? Já falastes mais que suportaria ouvir, mas diga.

– Perguntastes se eu sabia demais e preferia ficar calado. Ninguém sabe de mais ou de menos. O que sabemos ou o que ignoramos são de igual importância.

– Como assim?

– Às vezes, é mais prudente ignorar do que saber.

Neste instante, Elomim deu um salto para trás e disse:

– Não sei se te amo ou se te odeio... Isto te incomoda?

– Não... Me fascina.

– Por quê?

– Porque estás desabrochando, Elomim. E isto é que é o verdadeiro milagre da vida. Ou melhor, o milagre de aprender a viver.

– E foste tu quem fez este milagre, velho?

– Não, Elomim. Foste tu.

– Como?

– O milagre está presente no simples fato da existência – disse eu, terminando ali o nosso confronto.

Elomim olhou-me fixamente, curvou-se suave e, olhando nos olhos, saiu em silêncio.



Todas as fêmeas se encantavam com sua simples presença. Jovem e exibido, passava por elas, empertigado e faceiro, no entanto nunca se interessava por nenhuma.

Sua mãe, certa feita... A propósito, vou-te apresentar a mãe de Elomim e explicar por que ele costumava chamar seu coração de toc toc.

Como bom observador, sempre me interessei, em especial, pelo crescimento deste jovem. Sua mãe, Eloá, muito jovem e encantadora, criou Elomim com doçura e segurança, por isso sempre foi muito curioso.

Certo dia, lá pelos seus cinco anos de vida, estava sentado junto a uma árvore. De repente, ficou estático, parecia nem respirar. E permaneceu algum tempo ali sentado, sem se mover. A mãe veio correndo, apavorada e sentou-se lentamente ao lado dele, com medo de assustá-lo, pois não sabia o que estava acontecendo. E sussurrou em seu ouvido:

– O que aconteceu, Elomim? Você está bem?

– Algum bichinho o feriu?

E ele, também baixinho, começou a falar, mexendo-se o mínimo possível.

– Não, mamãe... eles nunca me machucariam.

– Então, o que houve?

– Mamãe... você ouve o que eu estou ouvindo?

– O quê? Ouço vários sons...

– Quais?

– Do rio... do vento... das folhas caindo...

– Não, mãe... Não são estes...

– Qual, então?

Nisso, sem querer, Eloá falou mais alto e ele, com os olhos sobressaltados, falou, sussurrando:

– Mamãe, fale baixo, ele pode ir embora...

– Desculpe filho, vou tentar ouvir...

Ficaram em silêncio por algum tempo. De repente, Elomim falou ainda baixinho:

– Chegue o ouvido mais perto, mãe... acho que ele está dentro da minha blusa, aqui...

Aí a mãe colocou a mão no peito do menino e disse:

– Refere-se a este toc toc?

– Este mesmo, mãe! Pegue-o para mim; deve ser lindo esse bichinho...

Eloá, aliviada, respirou fundo e falou, calmamente:

– É lindo sim, filho...

– Fale baixo, senão ele vai embora.

– Não, filho, não vai... Este toc toc é o seu coração.

– Coração? O que é coração?

– É isto que bate aí dentro do seu peito...

– E cada um tem o seu?

– Tem sim.

– E cada um tem um nome?

– Nome?

– É, mãe... nome. Se cada pessoa tem o seu, é diferente. E se é diferente, tem nome. O nome do meu é toc toc.

A mãe o olhou, sem saber o que dizer e apenas concordou:

– É, filho, é sim.

E em seguida pensou:

– Lógica de criança...

Mal tinha terminado de falar estas palavras, o rapaz a quem eu estava contando a história pulou em cima de mim como uma cobra que dá o bote:

– Continua, continua... quero saber tudo, tudo mesmo. E vê se não esqueces nenhum detalhe. Nenhunzinho...

– Calma, meu rapaz, a ti faço questão de contar detalhe por detalhe.

Então voltemos a Elomim, o belo rapaz Elomim...





Eloá preocupava-se porque seu filho ainda não tinha escolhido a sua companheira. Lógica de mãe... E muito gentil e sutilmente, abordou-o:

– Oh, garboso rapaz, será que não há em todos estes montes nenhuma fêmea capaz de conquistar este lindo toc toc?

O filho sorriu com os olhos, docilmente, para a mãe e falou:

– Mãezinha, queres livrar-se de mim?

A mãe fez uma pausa, e sorrindo disse, em tom de gracejo:

– Dizem que toda mãe só vê virtudes em seu filho, mas, certamente, este não é o meu caso. Filho... como alguém iria querer ver-se livre de você? Todos o amam e querem tê-lo por perto. Só me preocupo com este seu excesso de auto-suficiência.

E rapidamente completou:

– Embora saiba que isso é perfeitamente natural na sua idade.

Elomim abraçou Eloá suavemente, com um de seus braços e com o outro apanhou uma maçã que à mesa estava com outras frutas e saiu pulando e rodopiando, sem nada responder. Já da porta, jogou um doce beijo para sua mãe.







Era manhã. Como de hábito, Elomim foi para o alto da montanha, reverenciar o Astro-Rei. Mas, aquela manhã tinha alguma coisa especial, tudo parecia estar mais vivo e colorido que de costume. Os olhos do rapaz brilhavam quase tanto como o próprio Sol.

Ao chegar no topo da montanha, tudo começou a vibrar. A Terra tremia. Tomado de pânico, Elomim gritou:

– O que está acontecendo? O que está acontecendo?

Seus olhos pareciam querer saltar do rosto viril, sua respiração ofegante assemelhava-se a de um búfalo em alta velocidade. E ele continuou:

– Quem está fazendo isso? Apareças, seja quem fores, para que eu possa enfrentar-te! Não importa o teu tamanho, mas, por Deus, dá-me esta chance...

Naquele momento, fez-se um silêncio total. Parecia que toda a natureza emudecera. Elomim, assustado e confuso, ficou um bom tempo quieto, imobilizado. Até que finalmente rompeu o silêncio, aos gritos.

– Quem és tu? Venhas a mim!

Porém tudo continuou exatamente como estava. Profundamente irritado, sentou-se à relva, pôs a cabeça entre os joelhos e começou a chorar, dando vazão à sua fúria e impotência. Minutos depois levantou-se, mais bravo ainda, e desceu a montanha, em passadas firmes e aceleradas, na minha direção. Naquele dia, achei mesmo que poderia até me agredir. Bom... isso ele fez, não fisicamente, mas com palavras.

– Velho, tu sabes o que está acontecendo! – disse ele com toda a convicção.





— Por que me olhas assim, sem responder? Vais ficar mudo como a Terra? Contra ela nada posso fazer... Mas contra ti...

— Contra mim, o que... Elomim?

O enfurecido rapaz deixou que sua lucidez o vencesse.

— Não vou te pedir desculpas, velho... porque tenho certeza de que alguma forma tens alguma coisa a ver com isso, e ainda estou muito furioso para qualquer gentileza.

E me deu as costas, chutando tudo o que havia à sua frente, sumindo em uma nuvem de poeira.

